



SENNA, Ronaldo de Salles; AGUIAR, Itamar Pereira de.  
**Remanso: uma comunidade mágico-religiosa. O fantástico apoiado em uma mundividência afrodescendente – aspectos das ambivalências sociais, geográficas e históricas.** Feira de Santa: UEFS Editora, 2016.

Alexandre Frank Silva Kaitel \*

No livro “Remanso: uma comunidade mágico-religiosa” Itamar Aguiar, filósofo com doutorado em ciências sociais que leciona na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, e Ronaldo Senna, cientista social com doutorado em antropologia que leciona na Universidade Estadual de Feira de Santana, lançam um olhar empírico dialético sobre a comunidade do Remanso. Os autores há muito pesquisam na região dos Lençóis (BA), e possuem vínculos com a comunidade que lhes permitem aprofundar em questões que permaneceriam despercebidas de um pesquisador eventual.

Eles procuram as múltiplas confluências e inoculações recíprocas que participaram da construção da comunidade; enfatizando os papéis do garimpo, da religiosidade popular, da geografia e da história, e inserindo a comunidade na sociedade mais ampla durante a análise. Para tanto dividiram o livro em seis

---

Resenha recebida em 10 de julho de 2018 e aprovada em 02 de agosto 2018.

\* Mestre em Psicologia. Professor do Curso de Psicologia da PUC Minas . Doutorando em Ciências da Religião no PPGR PUC Minas.  
País de origem: Brasil. E-mail: afskaitel@gmail.com.

capítulos. No primeiro, “A consciência mineral da magia”, enfocam prioritariamente os mitos encontrados nos garimpos da região. No segundo, “A garimpagem do diamante de Minas Gerais à Bahia”, dão um panorama histórico-cultural das influências dos garimpos de diamantes de Diamantina (MG) nos garimpos próximos ao Remanso. O terceiro capítulo, “A garimpagem e a cultura diamantina na Bahia”, trata das idiossincrasias do processo como aconteceu em Lençóis, com suas influências da história local e da religião de Jarê. No quarto capítulo, intitulado “O Jarê, os garimpeiros e os diamantes em Lençóis” os autores caracterizam o Jarê como religião afro-indígena e o integra entre as religiões de matrizes africanas, além de falarem dos processos de trabalho no garimpo. O capítulo quinto, “A comunidade do remanso”, diz do funcionamento da comunidade, sua topografia e costumes. E o sexto, “Marimbus: jóia viva da natureza”, diz da relação da comunidade com o ambiente natural no qual se localiza, o alagadiço de Marimbus.

A comunidade é localizada dentro de uma reserva natural no município de Lençóis, na Chapada Diamantina, Bahia. Pesquisas indicam que o primeiro agrupamento humano no local surge quando donos de uma propriedade rural consentem que um grupo de negros, de etnia Angola, se instale às margens do alagadiço de Marimbus em 1920. A comunidade começou a ser objeto de estudo científico em 1960, e, com a Constituição de 1988, que promoveu o direito à propriedade definitiva das comunidades quilombolas, a posse da terra pelos moradores foi regularizada. A comunidade é considerada comunidade tradicional afro-indígena, mas não quilombo, pois não foi fundada por negros fugidos da escravidão. A comunidade é também referida como comunidade de Jarê, uma encantaria de matriz africana com elementos indígenas e católicos, chamada também candomblé de caboclo e candomblé de sertão. Candomblés de caboclo são aqueles que incorporaram o culto a espíritos de indígenas em seus rituais e/ou sincretizaram os orixás com esses espíritos de indígenas.

O Remanso pode ser considerado uma comunidade de Jarê, porque o cotidiano dos seus habitantes, hábitos, costumes e visão de mundo, expressam e utilizam de modo harmônico e em conjunto um sistema, um todo orgânico, com o qual aprenderam a conviver, a manejar elementos, que compõe os ritos e rituais das tradições religiosos (SENNA; AGUIAR, 2016, p. 265)

Os autores afirmam que a singularidade do Jarê frente a outros candomblés de caboclo é sua ligação com o garimpo de diamantes. Os primeiros diamantes do Brasil foram encontrados quando se garimpava ouro em Diamantina (MG) em 1720. A coroa portuguesa tentou estabelecer regras rígidas para a mineração, o que gerou aumento da clandestinidade. Em 1848 o governo, a pedido dos garimpeiros, reduziu os preços dos arrendamentos. Em 1853 passou a vigorar lei que satisfizes aos garimpeiros. Com as descobertas das minas de diamante na África Do Sul iniciou-se o declínio do garimpo de diamantes no Brasil.

Em 1848 criou-se a Primeira Companhia de Mineração em Lençóis (Bahia). Sete outras se seguiram. Na segunda metade do século XX, a extração mecanizada com uso de dragas mudou a forma de se trabalhar na região. As dragas coexistiram com o garimpo de serra, que exigia menor infraestrutura. O garimpo de Lençóis foi fechado em 1990, por pressão de grupos ambientalistas e empresas de turismo. Na época, o que sobrara dos garimpos eram garimpeiros autônomos. Os diamantes encontrados na Chapada Diamantina atraíram pessoas de diversas origens étnicas e culturais. As primeiras descobertas de diamantes na região remontam à primeira metade do século XIX. Assim, a comunidade herdou características dessa diversidade.

A simbologia do diamante, para além de seu valor monetário, aponta para sua capacidade de transmutar trevas em luz, opacidade em translucidez, e de cortar e transmitir energias cósmicas. Os seres humanos que lidam com as pedras, principalmente em seu estado bruto, acabam por adquirir parcialmente estas características.

Partindo da lógica que afirma que tudo o que se move é vivo, e do fato geológico das gemas estarem distribuídas de forma espaçada e irregular no espaço geográfico, se acredita que o diamante pode se deslocar, se escondendo ou se mostrando ao garimpeiro. Postula-se uma união espiritual do diamante com os astros, tendo como elo um garimpeiro específico. O curador de Jarê <sup>1</sup> determina obrigações rituais para que o garimpeiro se torne dono de algum diamante tirando o véu que o separa de seu astro e sua pedra (empanamento). Encontrar um diamante de outro dono traz infortúnio para o garimpeiro e sua família. Os autores afirmam que essa crença no infortúnio vem da vivência histórica de disputas sangrentas por pedras de grande valor. Essa visão, que acompanha o trabalho dos autores, coloca as relações históricas e de produção como uma macro-estrutura que delimita as outras vivências. Apesar de percebermos as influências histórico-produtivas, acreditamos que elas estabelecem com outras vivências, como a mítica e a familiar, relações de influência recíproca, uma não sendo prioritária à outra.

Os autores afirmam que os garimpeiros, a quem o Jarê acode, são o elo mais fraco da cadeia produtiva de prospecção e comércio dos diamantes e carbonatos. Os donos das terras, das dragas e os intermediários estão acima em termos tanto de ganhos financeiros quanto de status social. A esses garimpeiros o Jarê proporciona, através dos rituais, a possibilidade de contatar diretamente os Orixás, caboclos e demais encantados. Aproximando o sagrado do profano oferecem soluções práticas para questões de saúde e dinheiro. O Curador convive nas fazendas e garimpos, fala a língua do povo, aceita qualquer pagamento ou não cobra, e ajuda o doente ou necessitado por vezes. Acaba distribuindo renda. Neste argumento aparece a sugestão, ainda que implícita, que são os processos produtivos que determinam a inclinação dos garimpeiros ao Jarê – sugestão que a nosso ver precisaria ser relativizada pela importância dos aspectos míticos do Jarê e pela forma que eles reverberam na psique dos garimpeiros.

---

<sup>1</sup> Curador de Jarê é o nome dado ao sacerdote da religião, devido a ser sua principal função mediar o contato com espíritos, encantados e Orixás para realização de atendimentos que promoverão cura e bem estar dos atendidos.

Vários garimpeiros, apesar de participarem de cerimônias de Jarê, inclusive incorporando entidades, se nomeiam católicos. Essa subnomeação já é conhecida no tocante às religiões com matrizes africanas, e diz do menor status social e do preconceito contra elas. É preciso lembrar que “O tempo da escravidão preenche cerca de 80% de nossa história (séculos XVI, XVII, XVIII e XIX), e seus resultados, conseqüências, seqüelas, resquícios e derivações marcam, tonicamente, o século XX e o início do XXI” (SENNA; AGUIAR, 2016, p. 173). Neste contexto as religiões de matrizes africanas podem ser consideradas uma resistência cultural postada frente ao sagrado.

Realizando uma descrição das cerimônias do Jarê, a partir da observação e entrevistas, o percebem como um ritual de festa que cumpre etapas pré-determinadas. A cerimônia inicia com a incorporação dos caboclos de frente, ligados sincreticamente aos Orixás Ogum, Iansã e Xangô. A estes se seguem Oxum e o povo das águas. A terceira linhagem a incorporar, nomeada força das matas, é composta por espíritos de índios. A quarta linhagem é das crianças (Erês de Cosme, Damião, Doum, Caboclinho da Mata, Crispim, Crispiniano e a menina índia Iná Piucina) e velhos (Naná, Preto Velho, Nagô Velho, Mãe Jarê e Caboclo Velho). Fecha a cerimônia o ritual dos Caboclos Boiadeiros. Há, além desses, entidades específicas vinculadas ao garimpo de diamantes: Caboclo Mineiro, Caboclo 7 Serras (ligado ao ambiente das serras, perfil calmo, sereno, maduro e observador; valorizando o pensar antes de agir) e Caboclo Tomba Morros (de perfil intempestivo e violento, jagunço vencedor de demandas). Quanto mais deslocado para a zona rural, o Jarê distancia-se dos ritos cerimoniais e foca nos rituais de cura. Perde assim, parte de sua importância como organizadora da vivência comunitária, apesar de manter a importância como forma direta de auxílio.

Na religiosidade do Remanso, além do Jarê, nota-se a influência do catolicismo popular. Já na primeira metade do século XX identificam-se no local grupos de Reinado e Pastorinhas, cada um com cantigas próprias e datas das comemorações entre 20 de dezembro e 6 de janeiro. Micaremes saíam na época do

carnaval. Em todas essas expressões culturais era possível perceber diferenças entre a “gente do povo” (pobres) e a “gente de bem” (ricos).

Na festa do Senhor dos Passos, sincretizado no Jarê com Zambi Panquê, além dos Ternos de Reis se apresentavam Marujadas e cantadores de chula. Assim como acontecia em Diamantina (MG), os reizados não terminavam em 6 de janeiro (dia de reis) mas em 2 de fevereiro (dia de Santa Luzia). A centenária banda musical Lira Popular dos Lençóis executava o Hino de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos e o Hino dos Garimpeiros dentro e fora das igrejas. Durante os dias da morte e paixão de Cristo encenavam-se os ritos católicos, e os Jarês faziam festas públicas. No mês de abril alguns terreiros tocavam para os caboclos de penas <sup>2</sup>, e em junho realizavam-se festas para Ogum e Xangô, assim como para os santos Antônio, João e Pedro. Soltavam-se balões, mas nunca se assistiu incêndio provocado por eles em mais de 40 anos. No mês de agosto aconteciam as romarias à festa de Bom Jesus da Lapa; no mês de setembro festas cívicas e nos dia 7, 17 e 27 soavam os tambores em louvor a Cosme e Damião, os Erês e Ibejis. Algumas casas de Jarê batiam para as crianças em outubro.

A influência da geografia, mais especificamente do Marimbus, formado pelo encontro dos rios Santo Antônio e Utinga, em Lençóis, e do rio Paraguaçu em Andaraí, pode ser percebida com facilidade na vivência comunitária. “A fauna dos Marimbus e das matas que circundam a comunidade do Remanso faz parte da dieta dos seus moradores” (SENNA; AGUIAR, 2016, p. 243) Há um conhecimento sobre as espécies animais e vegetais, que merece ser estudado academicamente e levado em conta na formulação de políticas públicas de gestão dos recursos naturais.

A relação com o Marimbus também alimentou a mitologia do Remanso. Os moradores acreditam na existência do Nego D’água, protetor do pantanal, a quem deve se oferecer antes de se entrar nos alagadiços. Ao se entrar nas matas se deve oferecer a Caipora, para evitar se perder. O Nego d’água é sedutor e irresistível,

---

<sup>2</sup> Caboclos de penas são os indígenas que tiveram menos contato e foram menos influenciados pela cultura dos brancos.

por isso mulheres não devem andar sozinhas nas margens do Marimbus, para não engravidarem. Os filhos do Nego d'água são quase impossíveis de serem reconhecidos como tais, pois não possuem, como os filhos do Boto, uma moleira que não fecha. As sereias e outros encantados da aldeia d'água (Mãe d'água, baleia, Marinheiros) são linhas de trabalho comuns nos Jarês.

Enfatizando que a comunidade é viva e continua em transformação, os pesquisadores relatam que voltaram ao Remanso em 2013 e perceberam várias mudanças. As casas tinham telhas no teto e paredes de blocos de cerâmica, além de estarem mais espalhadas pelo território. Já havia luz elétrica, água encanada e fogões a gás. Foram construídas uma escola e um posto de saúde. O turismo substituiu o garimpo como meio de subsistência. Passeios pelos rios são as principais atrações. Instalou-se na comunidade um terreiro de Jarê, mas a única festa pública era a de Cosme e Damião.

Durante toda a análise da pesquisa, cuidadosa e bem feita, os autores enfatizam a base econômica dos fatos sociais que contamina outros aspectos da realidade. Apesar de concordarmos com essa influência, e de sabermos que este tipo de análise é clássica na sociologia, e também no estudo das religiões e comunidades afro-brasileiras, pelo menos a partir dos trabalhos de Bastide, preferimos uma análise onde os fatores econômicos não têm preponderância sobre os simbólicos. Entendemos que vários fatores coincidem, e tem a mesma importância, no funcionamento de comunidades tradicionais como a do Remanso. Propomos que a vivência mítica, com seu poder de constelar símbolos inconscientes e de modificar a personalidade daqueles que dela participam, seja tão valorizada quanto os processos produtivos para uma explicação mais abrangente dos fenômenos. Ainda que os autores não tenham omitido as vivências míticas, elas muitas vezes aparecem como fruto dos processos materiais de produção e não como tendo autonomia parcial e influências recíprocas com eles.

A discordância exposta acima não diminui o valor da pesquisa realizada. Entendemos que o trabalho é de grande importância para as Ciências da Religião. Esta importância advém tanto do estudo ter como objeto uma comunidade tradicional e uma religião típica brasileira e ainda pouco conhecida, o Jarê, quanto de um aspecto mais global, embasar-se em extensa pesquisa de campo e estabelecer uma metodologia múltipla que pode servir de inspiração a outros pesquisadores da área no estudo de vivências comunitárias.